

NACIONALISMO E A HISTORÍOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA

LÉO ARAÚJO LACERDA¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas– leoaraujolacerda@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos nessa comunicação um recorte da pesquisa em nível de mestrado no PPGH-UFPEL titulada *Conflitos étnico-religiosos em Castela e Leão durante o reinado de Alfonso X (1252-1284)*¹. Tal recorte fundamenta-se na apresentação de como a historiografia espanhola, entre 1910 e 1950, marcada pelo nacionalismo, produziu concepções, sobre a trajetória histórica da Espanha, que excluíam a participação das minorias religiosas na configuração da identidade nacional. Assim os judeus eram percebidos enquanto uma espécie de hóspede malcriado e ingrato enquanto que ao muçulmano reservava-se o papel de invasor e inimigo incrédulo. Desse modo, exaltava-se e justificava-se a postura dos reis católicos como “ações pautadas no cumprimento da lei histórica”, plenamente acabada e conduzida pelos designos de Deus. Assim, Menéndez y Pelayo (1911) chegaria à conclusão de que sua grandiosidade estaria na unidade religiosa: “Espanha, evangelizadora da metade do mundo; Espanha martelo dos hereges, luz de Trento, espada de Roma, berço de São Inácio [...]; é essa a nossa grandeza e nossa unidade; não temos outra” (MENÉNDEZ Y PELAYO, 1911, p. 658, tradução nossa)².

Neste sentido, García Sanjuán (2020) enfatiza que a Espanha se constituiu enquanto nação a partir da luta contra o Islã. Assim, temos que conceito de Reconquista, resultante de uma perspectiva de choque de civilizações, teria pontuado a escrita de historiadores como Américo Castro, Marcelino Menéndez y Pelayo e Cláudio Sánchez-Albornoz. Além dessa perspectiva providencial, concepções que desvinculavam as influências de judeus e muçulmanos na identidade cultural espanhola derivavam da crença da transmissibilidade da cultura por mecanismos biológicos.

Esses acontecimentos estariam imersos no processo de Reconquista. O contexto de surgimento da ideia de Reconquista é mais de cem anos posterior à batalha de Cavadonga em 722, primeira das vitórias das forças cristãs sobre o adversário muçulmano, comandada pelo nobre visigodo Don Pelayo (ou Pelágio) que se tornou o primeiro rei do Reino das Astúrias. Nesse sentido, são elementos chave do processo de Reconquista as noções respectivas: a proteção da

¹ A mencionada pesquisa investiga as dinâmicas sociais e a regulamentação social de judeus e muçulmanos castelhanos-leoneses como parte de um projeto político-ideológico desenvolvido por Alfonso X (1252-1284). Conhecido pela alcunha de Sábio, em sua época era reconhecido como o rei estrela, isto é, o astrólogo. Esse rei cristão que fora responsável por legitimar situações que evidenciavam a inferioridade do status social de sefarditas e muçulmanos do reino, incentivando a sua conversão a partir de vantagens fiscais e sociais variadas. As obras de cunho legislativo como o Fuero Real (FR, 1255) e as Siete Partidas (SP, 1256-1265) ainda que tivesse uma incorporação tardia no âmbito das práticas jurídicas apontam para as concepções da realeza em relação às minorias religiosas, calcadas em confrontos reais, que embasavam uma agenda política, que poderia ser elucidada enquanto, “regimes de discriminação”, de acordo com Mark. R. Cohen (COHEN, 2009).

² Original: “España, evangelizadora de la mitad del orbe; España martillo de herejes, luz de Trento, espada de Roma, cuna de San Ignacio (...); ésa es nuestra grandeza y nuestra unidad; no tenemos otra”.

cristandade, a retomada das antigas posses visigodas agora dominadas pelo “invasor” muçulmano, e, por fim, a liderança da Reconquista pelo descendente da linhagem de Roderico, o último rei visigodo, assassinado na batalha de Guadalete, em 711. Neste sentido, os esforços bélicos de retomar as antigas posses resultariam de um lugar específico, o reino astur-leonês. Esta compreensão não é produto do discurso franquista nem é pura invenção, mas advém de crônicas do século IX – a crônica albeldense e a crônica de Alfonso III. O que não quer dizer que elementos tenham sido incorporados posteriormente como a ideia de “nação”, além do seu uso pelo discurso franquista, Pelayo seria o primeiro de muitos guerreiros santificados no curso da Reconquista bem como sagrado herói pela historiografia nacionalista.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente utilizaremos uma revisão bibliográfica sobre a trajetória da historiografia da Convivência (WOLF, 2009; NOVIKOFF, 2005) e textos canônicos para compreender a perspectiva nacionalista vinculada à compreensão dos grupos religiosos e a sua perspectiva histórica de autores como Américo Castro (1885-1972), Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912) e Cláudio Sánchez-Albornoz (1893-1984).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta comunicação enfatiza-se que as reflexões não estão propriamente direcionadas a sociedade castelhano-leonesa do século XIII, ou as suas minorias religiosas (judeus e muçulmanos). Trata-se, pelo contrário, de sublinhar o papel dos discursos nacionalistas que permearam a “historiografia da convivência”.

Marcelino Menéndez y Pelayo no prólogo no seu livro *Historia de los heterodoxos españoles* em 3v., propunha explicar o caminho singular da hispanidade calcada na “heterodoxia”, isto é, na pluralidade de culturas. Assim, sublinha o autor elucidava sua metodologia e as premissas de sua pesquisa:

[...] A Idade Média, contemplada antes com olhos românticos, hoje com sereno e desinteressado espírito, oferece por si só riquíssimo campo a uma legião de operários que refaz a história das instituições à luz da crítica diplomática, cujos instrumentos de trabalho chegaram a uma precisão finíssima (MENÉNDEZ Y PELAYO, 1911, p. 10, tradução nossa)³.

Neste sentido, ainda que diga adotar um espírito desinteressado sua postura é ideologicamente embasada: parte de uma noção providencial – que tem Deus como o articulador da trajetória histórica:

Quis Deus que por nosso solo aparecessem, tarde ou cedo, todas as heresias, para que de nenhuma maneira pudesse atribuir-se ao isolamento ou a intolerância essa unidade preciosa, sustentada com titânicos esforços em todas as idades contra o espírito do erro (MENÉNDEZ Y PELAYO, 1911, s.p., tradução nossa)⁴.

³ Original: “[...] La Edad Media, contemplada antes con ojos románticos, hoy con sereno y desinteresado espíritu, ofrece por sí sola riquísimo campo a una legión de operarios que rehace la historia de las instituciones a la luz de la crítica diplomática, cuyos instrumentos de trabajo han llegado a una precisión finísima.

⁴ Original: “[...] Quiso Dios que por nuestro suelo apareciesen, tarde o temprano, todas las herejías, para que en ninguna manera pudiera atribuirse a aislamiento o intolerancia esa unidad preciosa, sostenida con titánicos esfuerzos en todas edades contra el espírito del error”.

Assim, Menéndez Pelayo justifica a expulsão forçada de judeus e muçulmanos como algo inevitável articulado a uma lei histórica [...] a decisão dos Reis Católicos não era boa nem má; era a única que se podia tomar, ao cumprimento de uma lei histórica (MENÉNDEZ PELAYO, 1911, s.p., tradução nossa)⁵. Este manual de história teria sido uma espécie de bíblia, respectivamente, para a igreja e a direita espanholas por muito tempo.

Neste caminho de uma postura nacionalista temos também Américo Castro no livro *España en su historia* no qual enfatizava a centralidade dos muçulmanos e judeus na configuração da identidade espanhola, posteriormente reeditada como *La realidad histórica de España* (1948). Cláudio Sánchez-Albornoz, exilado franquista, apresentou no livro *España, un enigma histórico* sua réplica à abordagem de Castro que considerava inapropriada, pois desconsiderava parte da vital do passado espanhol, já que para Castro a história começava durante o medievo através dos intercâmbios culturais e sociais de judeus, muçulmanos e cristãos. Assim, na reedição dedicara um capítulo ressaltando que “os visigodos não eram espanhóis”. Desse modo, Castro sugeria que o culto a Santiago Matamoros não teria sido possível sem o diálogo com o Islã que proporcionado pela convivência, ainda que pontuada por conflitos cotidianos diversos.

A postura de Sánchez-Albornoz está vinculada a noção de que haveria um “*homo hispanus*” primitivo, oriundo dos tempos pré-históricos, do qual derivaria a própria hispanidade. Além disso, da luta contra os infiéis (Reconquista), sob a liderança castelhana teria produzido não só a monarquia católica como a unidade estatal espanhola. Assim, sustenta que “[...] a nação não nasce, mas que se faz, e estima que não se pode entender a origem dos espanhóis senão como o cruzamento de três castas de crentes: cristãos, muçulmanos e judeus” (SÁNCHEZ-ALBORNOZ apud, tradução nossa)⁶. No entanto, minimiza a participação de judeus e muçulmanos enquanto atores históricos. Assim, observa Kaplan (2014), na reedição de 1962, Sánchez-Albornoz apontava que os judeus eram “hospedeiros malcriados”:

[...] os judeus foram gentilmente recebidos como convidados na Espanha cristã, mas eles responderam a esta hospitalidade com atos de engano e opressão, que despertou o povo espanhol contra eles. A questão não era por que os judeus foram expulsos da Espanha em 1492, mas sim porque a expulsão foi tão tardia, em comparação com aqueles de outros reinos na Europa. A visão de Sánchez Albornoz sobre os judeus era chocantemente essencialista e monolítico, baseado inteiramente em estereótipos antisemitas e em generalizações precárias (KAPLAN, 2014, p. 362, tradução nossa)⁷.

De acordo com Kenneth Baxter Wolf (2009) a abordagem de Sánchez-Albornoz fundamentava-se em uma percepção racialista segundo a qual os valores culturais do povo são herdados biologicamente:

[...] Castro refutou a noção de inspiração biológica de Sánchez-Albornoz que os genótipos culturais eram essencialmente impermeáveis aos

⁵ Original: “[...] La decisión de los Reyes Católicos no era buena ni mala; era la única que podía tomarse, el cumplimiento de una ley histórica”.

⁶ Original: “[...] la nación no nace, sino que se hace, y estima que no se puede entender el origen de los españoles sino como el cruce de tres castas de creyentes: cristianos, musulmanes y judíos”.

⁷ Original: “[...] the Jews, in Sánchez Albornoz's opinion, were graciously received as guests in Christian Spain, but they responded to this hospitality with acts of deceit and oppression, which aroused the Spanish people against them. The question was not why the Jews were expelled from Spain in 1492 but rather why the expulsion was so late, compared to those of other kingdoms in Europe. Sánchez Albornoz's view of the Jews was shockingly essentialist and monolithic, based entirely on anti-Semitic stereotypes and on precarious generalizations”.

desafios "efêmeros" que vêm do contato com outras culturas, noção que havia impedido Sánchez-Albornoz de creditar o Islã e o Judaísmo com uma visão mais direta papel na formação da identidade espanhola. No que dizia respeito a Castro, nunca foi uma questão de raça. 'Os espanhóis se moldaram dentro e ao longo da história de sua experiência' (WOLF, 2009, p. 74, tradução nossa)⁸.

4. CONCLUSÕES

Assim, aparte da breve introdução ao cenário investigativo abrangido pela pesquisa em andamento, pode-se compreender, em linhas gerais, como o nacionalismo e a historiografia espanhola sobre as minorias religiosas moldaram o papel que cristãos, judeus e muçulmanos tiveram na experiência histórica espanhola. Ou seja, como as narrativas judaicas e muçulmanas foram transportadas ou excluídas da narrativa nacional espanhola e, desse modo, como as percepções, das quais nos afastamos consolidaram-se, incorporando-se à narrativa histórica sobre a "Convivência".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, A. **La realidad histórica de España**. México: editorial Porrúa, 1965.
- CADAVID OTERO, M. "El camino desde Sefarad". **La historiografía de la presencia judía en España. Desafíos**. Bogotá: v. 20, 2009, p. 304-330.
- GARCÍA SANJUÁN, A. Weaponizing historical knowledge: the notion of Reconquista in Spanish Nationalism. **Imago Temporis. Medium Aevum**: v. 14, 2020, p. 133-162.
- KAPLAN, Y. Between Yitzhak Baer and Claudio Sánchez Albornoz. The Rift That Never Healed. In: COHEN, R. I., et al. (Eds.). **Jewish Culture in Early Modern Europe**: Essays in Honor of Professor David B. Ruderman. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 2014, p. 356-368.
- MENÉNDEZ Y PELAYO, M. **Historia de los heterodoxos españoles**. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1911, v. 1.
- MOLÉNAT, J-P. Minorías en el espejo: mozárabes y mudéjares en la Península Ibérica Medieval. In: CARRASCO, D. M.; CASTRO, F. V. (Eds). **A 1300 años de la conquista de Al-Andalus (711-2011)**: historia, cultura y legado del Islam en la Península Ibérica. Coquimbo-Chile: Centro Mohammed VI para el Diálogo de Civilizaciones, 2012, p. 479-494.
- NOVIKOFF, A. Between Tolerance and Intolerance in Medieval Spain: an historiographic enigma. **Medieval Encounters**: v. 11, 2005, p.
- WOLF, K. B. Convivencia in Medieval Spain: A Brief History of an Idea. **Religion Compass**: v. 3, n. 1, 2009, p. 72–85.

⁸ Original: "[...] Castro rebutted Sánchez-Albornoz's biologically inspired notion that cultural genotypes were essentially impervious to 'ephemeral' challenges that come from contact with other cultures, a notion that had prevented Sánchez-Albornoz from crediting Islam and Judaism with a more direct role in the formation of Spanish identity. As far as Castro was concerned, it was never a question of race. 'The Spanish fashioned themselves within and over the course of the history of their experience'".